

Bom mesmo é estar debaixo d'água: uma análise sobre *mise-en-scène* e montagem no trecho *Ain't I a woman?* do álbum visual da artista Luedji Luna¹

Inara da Silva SANTOS²

Betânia Maria Vilas Boas BARRETO³

Karen Vieira RAMOS⁴

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

RESUMO

Este artigo versa acerca das afetividades e crenças a partir da linguagem videográfica utilizada no trecho “*Ain't a woman?*” do álbum visual “Bom mesmo é estar debaixo d'água” (2020) da artista Luedji Luna, tendo como objetivo analisar a construção do material videográfico diante os conceitos de *mise-en-scène* e montagem. Para tanto, a construção metodológica deu-se com base nos estudos teóricos de Bordwell (2008), Vanoye e Goliot-Lété (2006), Amiel (2010), Leone (2005) e outros estudiosos que embasam a temática abordada. Sendo assim, uma oportunidade para expandir os estudos da linguagem videoclíptica e aspectos socioculturais em torno das mulheres negras.

PALAVRAS-CHAVE: análise; montagem; *mise-en-scène*; linguagem videográfica; álbum visual.

AIN'T A WOMAN?

Luedji Luna é uma mulher preta, cantora e compositora baiana, que iniciou a sua vida artística no ano de 2011. A mesma começa apresentando-se em recitais na capital da Bahia e tem como direcionamento para sua arte as suas vivências, ou seja, seus projetos dialogam com todas as questões pessoais que a perpassam e lhe expõe ao mundo, retratando assim, assuntos como racismo, empoderamento feminino, cultura afro-brasileira, maternidade, ancestralidade e etc.

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Comunicação Audiovisual do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social da UESC, email: issantos.cos@uesc.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UESC, email: bmvbbarreto@uesc.br

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UESC, email: kvramos@uesc.br

Um dos principais projetos que compõe a sua carreira é o seu segundo álbum, cujo título é “Bom mesmo é estar debaixo d’água”, lançado em 2020, no qual utiliza elementos da linguagem audiovisual para construção de sentidos na obra. Logo, o presente estudo tem por objetivo analisar um trecho desse álbum visual dedicado ao videoclipe da canção “*Ain't I a Woman?*”, observando o material videográfico a partir dos conceitos de *mise-en-scène* e montagem.

Vale ressaltar, que esse projeto foi lançado em formato de álbum visual, que segundo Harisson (2014, p. 1) “é um meio híbrido entre videoclipe e cinema; como o videoclipe, ele promove um álbum musical, e como o filme, é concebido como uma obra artística.” Sendo assim, neste produto, Luedji utiliza o formato para reunir um conjunto de histórias que se traduzem a partir de imagens e canções, criando atmosferas únicas para suas composições, que de forma híbrida, empregam técnicas que direcionam o olhar de quem assiste para acompanhar toda a narrativa visual.

O estudo baseou-se em uma pesquisa bibliográfica e qualitativa a partir de autores que teorizam os elementos para construção de sentidos em uma obra audiovisual, sendo estes Bordwell (2008), Vanoye e Goliot-Lété (2006), Amiel (2010), Zettl (2011), Leone (2005) e outros estudiosos que fundamentam sobre a temática abordada. É preciso destacar, que Bordwell (2008) caracteriza a *mise-en-scène* como um elemento rico em técnicas para uma análise poética do que está no quadro. Além disso, a montagem se mantém como promissora da organização das imagens, que ao serem montadas podem expressar suas funcionalidades estéticas conforme as correspondências, ou discursivas, a partir dos fragmentos confrontados (AMIEL, 2010).

Evidencia-se assim, uso destes elementos no trecho analisado para composição simbólica, estética e discursiva, através de quadros que mostram a figura do Exu feminino conhecido como Pombagira (PRANDI, 1987) visto que durante o trecho selecionado para análise observou-se a presença de elementos constitutivos na *mise-en-scène*, como figurino, cenário e a atuação performática da artista, que concatenam com a entidade Pombagira, contribuindo assim para montar o quadro, a cena e construir a atmosfera do que deve ser passado para o espectador a partir da montagem.

Em suma, a *mise-en-scène* neste trecho do álbum visual Bom mesmo é estar debaixo d’água da artista Luedji Luna, é repleto de elementos que a compõem, como a direção de arte se atentando ao figurino, aos elementos cenográficos e repletos de

simbolismos relacionados às religiões afro-brasileiras, a direção de fotografia que elencou e produziu enquadramentos que perpassam suas funções expressivas, seja através das entradas da artista em quadro, dos planos fechados que esboçam proximidade com toda sua expressão corporal, muito deles mostrando o seu corpo em performance, fazendo referência a entidade Pombagira para demonstrar a sexualidade feminina, como também os planos abertos para apresentar o espaço ao espectador, sendo essas percepções mencionadas conforme a textura das imagens e da trilha sonora, que observadas juntas constroem camadas de sentido diante aquilo que é visto e escutado.

Além do recurso videográfico da *mise-en-scène*, é concernido a partir das observações o uso da montagem por correspondência na obra, para possibilitar a representação estética de Luedji Luna, através dos ritmos, colagens e ecos, ou seja, apresentado a visão da artista conforme as formas, cores e associações de imagens. Há também o uso da montagem discursiva, que é empregada ao final do trecho analisado com o confronto entre os takes, apresentando códigos ideológicos acerca da afetividade e vivências acerca do racismo e sexismo inculcados, infelizmente, as mulheres negras. Conforme Gonzales entende-se que:

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. (GONZALES, 1984, p. 224)

Se faz importante ressaltar que mulheres negras lutam diariamente para sobreviver dentro de um sistema patriarcal capitalista supremacista branco, uma luta que se difere em parte da dos homens negros, já que as questões de gênero se diferem e endossam a ordem social patriarcal, que não dá voz política para pessoas pretas do sexo feminino. Sendo assim, o racismo e sexismo estão entrecruzados, constituindo e articulando uma ordem social e política que produz violência racial e sexista para mulheres negras na sociedade brasileira. Logo, a obra analisada se torna um material de bastante relevância para posteriores estudos acerca das temáticas abordadas.

A partir desse projeto Luedji Luna não utiliza apenas a montagem para construção estética, mas também como um recurso que propõem-se trazer denúncias e críticas recorrentes a assuntos sociais que estão presentes na sociedade brasileira, como

também acentua uma narrativa mítica acerca das religiões afro-brasileiras. Contudo, vale destacar que embora este produto utilize do hibridismo de duas montagens para destacar toda a sua proposta, a montagem discursiva está em um momento muito pontual do trecho analisado, servindo apenas como fundo, enquanto a montagem por correspondência se sobressai e se mantém como dominante para dar textura, embalar esteticamente o produto, através da visão da artista, da organização poética, das repetições, das pontuações musicais, dos ecos e das rimas.

Por fim, conclui-se que o trecho do álbum visual utiliza elementos da linguagem videográfica para transmitir as suas intenções, fazendo uma interligação sonora, mas também visual, que juntas constroem uma narrativa, dada não só pelo som e imagem, mas também pelos recursos de montagem e *mis-en-scène*, elementos que se complementam e que criam uma narrativa sequencial em uma produção audiovisual.

REFERÊNCIAS

- AMIEL, Vincent. **Estética da montagem**. Lisboa, Edições Texto e Grafia, 2010.
- BORDWELL, D. **Figuras traçadas na luz**. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2008.
- GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, n.10, p. 223-244, 1984.
- HARISSON, Cara. **The visual album as a hybrid art-form: A case study of traditional, personal, and allusive narratives in Beyoncé**. Lund, Suécia. Tese de mestrado em Cultura Visual. Universidade de Lund, 2014.
- PRANDI, Reginaldo. “Pombagira e as faces inconfessadas do Brasil.” In: **Herdeiras do axé**. São Paulo: Hucitec, 1996, capítulo IV, pp.139-164.
- VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas, SP. Papyrus Editora, 2006.